



A Santa Sé

SOLENIIDADE DOS SANTOS PEDRO E PAULO

CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA E IMPOSIÇÃO DO SAGRADO PÁLIO

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Quinta-feira, 29 de Junho de 2000

1. *"E vós, quem dizeis que Eu sou?" (Mt 16, 15).*

Jesus dirige aos discípulos esta pergunta acerca da sua identidade, enquanto se encontra com eles na alta Galileia. Muitas vezes acontecera que eram eles a dirigir interrogativos a Jesus; agora é Ele que os interpela. A sua pergunta é específica e espera uma resposta. Simão Pedro toma a palavra em nome de todos: *"Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo"* (Mt 16, 16).

A resposta é extraordinariamente lúcida. Nela se reflecte de modo perfeito a fé da Igreja. Nela nos reflectimos também nós. De modo particular, reflecte-se nas palavras de Pedro *o Bispo de Roma*, por vontade divina seu indigno sucessor. E à volta dele e com ele, reflectis-vos nessas palavras, queridos *Arcebispos Metropolitanos*, aqui vindos de tantas partes do mundo para receber o Pálio na solenidade dos Santos Pedro e Paulo.

A cada um de vós dirijo a minha mais cordial saudação que, de bom grado, faço extensiva a quantos vos acompanharam a Roma e às vossas Comunidades, que nesta solene circunstância estão espiritualmente unidos a nós.

2. *"Tu és o Cristo!".* À confissão de Pedro Jesus replica: *"És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o Meu Pai que está nos céus"* (Mt 16, 17).

És feliz, Pedro! Feliz, porque esta verdade, que é central na fé da Igreja, não podia emergir na tua consciência de homem, senão por obra de Deus. "Ninguém disse Jesus conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11,

27).

Reflictamos sobre esta página evangélica particularmente densa: o Verbo encarnado revelara o Pai aos seus discípulos; agora é o momento em que o próprio Pai lhes revela o seu Filho unigénito. Pedro acolhe a iluminação interior e proclama com coragem: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo"!

Estas palavras nos lábios de Pedro provêm do profundo do mistério de Deus. Revelam a verdade íntima, a própria vida de Deus. E Pedro, sob a acção do Espírito divino, torna-se *testemunha e confessor desta soberana verdade*. A sua profissão de fé constitui assim a sólida base da fé da Igreja: "Sobre ti edificarei a minha Igreja" (*Mt 16, 18*). Sobre a fé e a fidelidade de Pedro está edificada a Igreja de Cristo.

Disto estava bem consciente a primeira comunidade cristã que, como narram os Actos dos Apóstolos, quando Pedro esteve encerrado na prisão, se recolheu para elevar a Deus uma ardente oração por ele (cf. *Act 12, 5*). Ela foi ouvida, porque a presença de Pedro ainda era necessária à comunidade que dava os seus primeiros passos: o Senhor enviou o seu anjo para o libertar das mãos dos perseguidores (cf. *ibid.*, 12, 7-11). Estava escrito nos desígnios de Deus que Pedro, depois de ter durante muito tempo confirmado na fé os seus irmãos, haveria de receber o martírio aqui em Roma, juntamente com Paulo, o Apóstolo das nações, também ele muitas vezes salvo da morte.

3. "O Senhor assistiu-me e deu-me forças a fim de que a palavra fosse anunciada por mim e os gentios a ouvissem" (*2 Tm 4, 17*). São palavras de Paulo ao fiel discípulo Timóteo: escutámo-las na segunda Leitura. Elas dão testemunho da obra nele realizada pelo Senhor, que o tinha escolhido como ministro do Evangelho, "alcançando-o" na via de Damasco (cf. *Ft 3, 12*).

Envolvido numa luz fulgurante, o Senhor se lhe havia apresentado dizendo: "*Saulo, Saulo, por que Me persegues?*" (*Act 9, 4*), enquanto uma força misteriosa o lançava por terra (cf. *ibid.*, v. 5).

"Quem és Tu, Senhor?", perguntara Saulo. "*Eu sou Jesus, a quem tu persegues!*" (*ibid.*). Foi esta a resposta de Cristo. Saulo perseguia os sequazes de Jesus e Jesus fez-lhe tomar consciência de que era Ele mesmo a ser perseguido neles. Ele, Jesus de Nazaré, o Crucificado, que os cristãos afirmavam ter ressuscitado. Se, agora, Saulo experimentava a sua poderosa presença, era claro que Deus O tinha deveras ressuscitado dos mortos. Era precisamente Ele o Messias esperado por Israel, era Ele o Cristo vivo e presente na Igreja e no mundo!

Unicamente com a sua razão, Paulo teria podido compreender tudo aquilo que um tal evento comportava? Certamente, não! De facto, fazia parte dos desígnios misteriosos de Deus. Será o Pai a dar a Paulo a graça de conhecer o mistério da redenção, operada em Cristo. Será Deus a permitir-lhe entender a estupenda realidade da Igreja, que vive por Cristo, com Cristo e em Cristo.

E ele, que se tornou partícipe desta verdade, não cessará de a proclamar incansavelmente até aos extremos confins da terra.

De Damasco Paulo iniciará o seu itinerário apostólico, que o levará a defender o Evangelho em tantas partes do mundo então conhecido. O seu impulso missionário contribuirá assim para a realização do mandato de Cristo aos Apóstolos: "Ide, pois, ensinai todas as nações..." (Mt 28, 19).

4. Caríssimos Irmãos no Episcopado vindos para receber o Pálio, a vossa presença põe em eloquente ressalto a dimensão universal da Igreja, que derivou do mandato do Senhor: "Ide... ensinai todas as nações" (Mt 28, 19).

Com efeito, provindes de *quinze Países de quatro continentes*, e fostes chamados pelo Senhor a ser Pastores de Igrejas Metropolitanas. A imposição do *Pálio* ressalta bem o particular vínculo de comunhão, que vos une à Sé de Pedro e manifesta a índole católica da Igreja.

Todas as vezes que vestirdes estes Pálios, recordai, Irmãos caríssimos, que como Pastores somos chamados a salvaguardar a pureza do Evangelho e a unidade da Igreja de Cristo, fundada sobre a "rocha" da fé de Pedro. A isto nos chama o Senhor; esta é a nossa irrenunciável missão de guias previdentes do rebanho que o Senhor nos confiou.

5. A plena unidade da Igreja! Sinto ressoar em mim a recomendação de Cristo. Trata-se duma recomendação mais do que nunca urgente neste início de novo milénio. Por isto oramos e trabalhamos sem jamais nos cansarmos de esperar.

Com estes sentimentos, abraço e saúdo com afecto a delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla, vinda para celebrar connosco a memória litúrgica de Pedro e de Paulo. Obrigado, venerados Irmãos, pela vossa presença e pela vossa cordial participação nesta solene Celebração litúrgica. Deus nos conceda chegarmos quanto antes à plena unidade de todos os crentes em Cristo.

Obtenham-nos este dom os Apóstolos Pedro e Paulo, que a Igreja de Roma recorda neste dia, no qual se faz memória do seu martírio e, por isso, do seu nascimento para a vida em Deus. Por causa do Evangelho eles aceitaram sofrer e morrer e se tornaram partícipes da ressurreição do Senhor. A sua fé, confirmada pelo martírio, é a mesma fé de Maria, a Mãe dos crentes, dos Apóstolos, dos Santos e Santas de todos os séculos.

Hoje a Igreja proclama de novo *a sua fé*. É *a nossa fé, a imutável fé da Igreja* em Jesus, único Salvador do mundo; em Cristo, o Filho de Deus vivo, morto e ressuscitado por nós e para a humanidade inteira.

© Copyright 2000 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana